

PALÁCIO DO PLANALTO, BRASÍLIA, DF, 8 DE MAIO DE 1996

*Senhor Vice-Presidente da República, Senador Marco Maciel; Senhor Presidente do Senado Federal, Senador José Sarney; Senhor Vice-Presidente da Câmara dos Deputados, Deputado Perim; Senhor Ministro de Estado da Agricultura, Arlindo Porto; Senador José Eduardo Vieira, antigo Ministro da Agricultura, meu grande Amigo; Senhores Governadores que nos dão a honra da presença; Eduardo Azeredo, de Minas Gerais; Divaldo Suruagy, de Alagoas; Maguito Vilela, de Goiás; Senhores Líderes do Governo no Senado da República, na Câmara; Senhores Líderes dos Partidos, dos vários partidos que aqui estão; Senhores Presidentes de Partido; Senhores Senadores; Deputados; Prefeitos; Vereadores; Senhores Presidentes dos Tribunais Superiores; Senhoras e Senhores;*

O discurso do Senador Arlindo Porto mostra o domínio de Sua Excelência sobre a matéria do órgão que doravante ficará sob o seu controle, o Ministério da Agricultura.

O Senador Arlindo Porto tem uma experiência direta, como ele acabou de dizer, nas questões da terra, mas, mais do que isso, tem uma experiência direta na questão talvez mais difícil que a da terra,

que é a dos homens e das mulheres. São questões delicadas as do trato do ser humano.

Vi de perto a ação do Senador Arlindo Porto como Vice-Governador de Minas Gerais, no tempo em que o Dr. Hélio Garcia ali governava. Conheci ambos por intermédio do Governador Eduardo Azeredo, que aqui está nos dando a honra da presença, e acompanhei o modo como o Senador Arlindo Porto, durante os dias difíceis de uma campanha eleitoral, tinha a capacidade de, mansamente, conduzir os processo políticos.

Nós, hoje, atravessamos, no Brasil, um momento de transformações, momento em que é preciso que as pessoas tenham essa capacidade de convencer, de conversar, de motivar, mais do que simplesmente determinar. O nosso Ministro da Agricultura tem essas qualidades. Além do mais, vem do Senado da República. É para mim sempre uma grande satisfação ter contato direto com aqueles que foram meus companheiros de Senado. Como disse o Senador Arlindo Porto, não é propriamente uma homenagem ao Senado – o Senado tem, de mim, todas as homenagens –, mas é realmente o reconhecimento de que aquela Casa, hoje sob o comando do Presidente José Sarney, que a ela tem levado uma perfeita sintonia interna e com os demais poderes da República, aquela Casa recolhe muito da experiência do Brasil. São ex-governadores, ex-ministros, ex-deputados, pessoas que têm vivência da coisa pública.

O Senador Arlindo Porto será mais um elo entre o Governo da República e o Senado da República, onde eu me sinto entre amigos, na verdade, independentemente dos partidos e mesmo de partidos estarem apoiando ou não apoiando o Governo. O fato é que, no Senado, sempre encontramos uma Casa onde é possível uma discussão civilizada e encaminhar os maiores interesses da República. Tanto assim que chamei aqui o Vice-Presidente da República de Senador, porque, quem por lá passa, não perde nunca a marca. O novo Ministro continua sendo Senador.

Mas eu queria, também, brevemente, mencionar alguns aspectos da questão agrícola, fazendo agradecimento muito especial ao Sena-

dor José Eduardo de Andrade Vieira. O Senador José Eduardo é um grande companheiro. O Senador José Eduardo foi um Ministro sempre leal, não ao Presidente da República – como amigo sempre o foi – mas, mais do que isso, à política do Governo. Em momentos difíceis, quando era fácil soprar nas brasas para que a chama aparecesse e ele brilhasse como um líder reivindicando e reivindicativo da categoria, ele não fez isso. Ele assumiu o ônus que, muitas vezes, é necessário – e já bem disse aqui o Senador Arlindo Porto –, de defender a política do Governo, que, muitas vezes, não pode, de imediato, atender os anseios daqueles que, com justas razões, pretendem alguma medida mais enérgica de parte do Governo para atender os seus interesses.

O Ministro José Eduardo foi sempre um Ministro da República, e não, simplesmente, um líder da categoria. Quem assume uma posição de governo, de alguma forma se despe da condição específica de ser representante de um segmento, para pensar no coletivo. Creio que o Ministro José Eduardo fez isso o tempo todo e levou esse Ministério a bom termo. E, se, hoje, não temos mais sua colaboração aqui, vamos continuar a tê-la no Senado da República. Agradeço muito ao Senador José Eduardo Vieira.

Queria dizer também que endosso inteiramente as palavras do Ministro Arlindo Porto. Sabemos das dificuldades pelas quais a agricultura brasileira passou e ainda vem passando. Mas o Senador Arlindo tem, agora, talvez uma chance de aprofundar mais certas transformações que foram iniciadas por seu antecessor, com o meu apoio.

Eu me recordo das dificuldades imensas que havia. E discuti isso com o setor agrário brasileiro, quando nós tínhamos a TR e mais juros em cima. Disso derivou um contencioso enorme, mas, graças à ação persistente dos parlamentares e à interação com o Governo, fomos equacionando essas dificuldades. Ainda falta. Falta, como disse o Senador Arlindo Porto, agilizar a securitização. Aqueles que conhecem a máquina administrativa sabem que não basta a decisão no Planalto. É preciso que, na planície, haja motivação e haja realmente mecanismos que levem a que a decisão seja implementada.

Estamos mudando uma mentalidade. E mudar a mentalidade não é fácil, não se muda por decreto. Mas, progressivamente, vamos transformando aquilo que foi o pesadelo de muitos agricultores brasileiros, que são as dívidas, em alguma coisa que vai ficar para o passado.

A renda agrícola vai crescer neste ano. Os preços agrícolas estão sustentados pelo mercado internacional. E isso vai começar a permitir uma capitalização do campo, para que possamos ter oferta mais abundante e tranquilidade maior para o produtor rural.

Ainda é baixo o consumo de equipamentos agrícolas neste ano. Vamos ter que aumentar, vamos ter que criar condições de reativar o *agrobusiness*, mas sobretudo – e aí estou inteiramente de acordo com o Senador Arlindo Porto – temos que atender ao pequeno produtor, ao médio produtor; temos que intensificar os programas do Pronaf, da agricultura familiar e das cooperativas; temos que integrar crescentemente a Embrapa e as tecnologias de que dispomos à capacidade do pequeno produtor, do produtor médio, para que ele possa aumentar a sua produtividade.

O Brasil tem uma perspectiva extraordinária, do ponto de vista internacional, para os produtores agrícolas e para a pecuária. Tenho absoluta certeza de que, com essas transformações que estão ocorrendo no mundo, com a impossibilidade da manutenção das barreiras que ainda existem hoje, barreiras que impedem a nossa produção de ter acesso mais direto aos mercados internacionais, tais barreiras não vão cair, também pelo nosso empenho e pelo empenho de outros povos com quem temos interesses comuns. Tenho certeza de que isso abre uma perspectiva enorme para o Brasil – perspectiva enorme porque temos muito sol, chuvas regulares em quase todo o território, terra produtiva e gente que trabalha.

É uma questão muito mais, agora, de articulação administrativa, governamental, política, para que possamos transformar em realidade o que hoje é uma virtualidade. Sobretudo na pecuária, os recursos disponíveis são abundantes no Brasil. Há possibilidade de darmos um salto, desde que seja efetivamente na questão genética, desde que tenhamos capacidade de uma zootecnologia mais adequada e combata-

mos as moléstias que ainda são utilizadas lá fora como pretexto para atrapalhar as nossas exportações. Vamos dar um salto enorme.

Também tenho convicção de que, com os preços mais sustentados da soja, do milho, do trigo, vamos ter condições de uma abundância maior. Para isso, é fundamental, como disse o novo Ministro, que possamos ter um mecanismo de abastecimento e de reservas desses abastecimentos bastante afinado com os tempos modernos.

Crescentemente a Conab vai ter que se transformar num organismo muito mais regulador do que num organismo propriamente capaz de guardar alimentos. Isso cada vez mais passará para as mãos privadas. Os mecanismos do Banco do Brasil já são adequados para que tenhamos algo muito mais rápido e eficaz na questão que diz respeito à segurança alimentar brasileira, às nossas reservas de alimentos, que não serão objeto, como não têm sido, de especulação, de manobras nem de corrupção, que marcaram tanto, em outros momentos da história do Brasil, essa área da nossa vida agrícola.

Creio que, daqui para a frente, vamos crescentemente, também, dispensar os mecanismos de crédito tradicional e buscar novas formas, como a cédula do produtor rural. Há possibilidade de utilizarmos muito mais os recursos internacionais, que são abundantes nessa matéria, e de criarmos bancos, como eu já autorizei um banco de cooperativa a funcionar no Brasil e que vai permitir, com muito mais rapidez, o atendimento do produtor sem a burocracia e sem que se fique com esse pesadelo de saber se o Tesouro vai pagar ou não vai pagar, e caindo juros.

Havendo um mecanismo mais transparente, será dispensável essa ação que tradicionalmente amarrou a nossa agricultura e a transformou numa espécie de clientela cativa de setores políticos – que hoje têm outra mentalidade e não desejam mais que haja protecionismo estatal, mas desejam, sim, que haja transparência e eficiência nas ações do Governo e nas da própria sociedade.

Senhor Ministro, Vossa Excelência está vendo essa presença maciça aqui. Vossa Excelência mesmo fez referência a sua cidade, Patos, e talvez seja isso que marca Minas Gerais de maneira tão forte no Bra-

sil, que é essa capacidade de ser tão peculiar e, ao mesmo tempo, tão universal. Eu contava para o Presidente Sarney, hoje de manhã, quantos ministros mineiros nós temos no Governo. Só não vou dizer em público para não dar ciúme nos outros, sobretudo nos paulistas.

Mas isso mostra que essa capacidade mineira de sentir de perto a cidade onde nasceu, onde foi prefeito, de descortinar, ao mesmo tempo, o grande horizonte do mundo e saber que, servindo à sociedade, serve ao Brasil é o que dá essa marca mineira que, cada vez mais, eu gostaria que fosse marca de todos nós, e, por mais que me esforce, não consigo ser mais do que um paulista que nasceu no Rio.

Agradeço muito a todos vocês a presença. Desejo ao Ministro boa sorte e tenho certeza de que essa harmonia que existe hoje, no Brasil, do Congresso com o Executivo vai ajudar o Ministro a cumprir as suas tarefas. E tenho certeza de que o Ministro terá uma imensa capacidade de nos ajudar na transformação do Brasil numa potência realmente produtora, de agricultura e de pecuária, capaz de dar sustentação a milhões de brasileiros que necessitam da terra.

Agradeço em particular a presença da sua senhora e da sua família aqui e tenho certeza de que, com o apoio da família e com o nosso apoio, o Ministro vai desenvolver um excelente trabalho no seu Ministério.

Muito obrigado.